

UMA PRODUÇÃO ORIGINAL **BRASIL PARALELO**



duas **VIDAS**

**DO QUE ESTAMOS FALANDO
QUANDO FALAMOS SOBRE ABORTO**

duas **VIDAS**

DO QUE ESTAMOS FALANDO
QUANDO FALAMOS SOBRE ABORTO

———— *Ebook* ————

TEXTO

Elton Mesquita

Juan Montaña

Eder Puchalski

DIAGRAMAÇÃO E ARTE

Lucas Meneghin



Ebook interativo

Este ebook contém hyperlinks para facilitar sua leitura. Toque ou clique nos capítulos e seções do índice para ser direcionado ao seu conteúdo correspondente.



Ao final de cada página, no canto esquerdo inferior, utilize o botão "home" para retornar rapidamente ao índice.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO **05**

ATO 1

UM PEQUENO INCONVENIENTE **06**

FAÇA-SE A LUZ 07

A LONGA NOITE 08

OS TERMOS DA DISCUSSÃO 10

ATO 2

O DIREITO DE NASCER **11**

UM AGLOMERADO DE ERROS 12

ANATOMIA DE UM CRIME 15

AS REAIS OPÇÕES 17

O CANTO DA CURETA 18

DUAS VÍTIMAS 20

O ANTÍDOTO 21

“PORQUE SOMOS MUITOS” 22

VELA ACESA EM VENTANIA 23

O LIVRO DE JUÍZES 25

ATO 3

QUANDO ÉRAMOS HUMANOS **27**

O RETORNO À LONGA NOITE 28

O INQUEBRÁVEL 29

A PROTAGONISTA 32

EPÍLOGO

“SE VOCÊ ABRIR SEU CORAÇÃO” **33**

INTRODUÇÃO

A notícia de que a legalização do aborto até as 12 semanas de gestação seria votada no Supremo reavivou mais uma vez a discussão sobre o tema na sociedade, com os resultados já conhecidos: debates que rapidamente degeneraram em bate-boca, onde nada é realmente esclarecido.

A discussão pública do aborto não é diferente: assim que o tema é abordado, passa-se imediatamente a considerações sobre direitos individuais, estatísticas, a “opinião de especialistas”... e convenientemente deixa-se de lado o ponto central, sobre o que é um aborto em essência e sobre o tipo de sociedade que aceita essa prática como algo natural e desimportante.

Foi nesse terreno espinhoso que decidimos entrar para dar nossa contribuição à discussão, o que significava tentar escapar da dicotomia fácil e nos aprofundarmos na essência do que é o fenômeno do aborto. Cada documentário da Brasil Paralelo é feito com o intuito de escapar da visão “futebol de criança” que orienta o tom geral das discussões no Brasil: um foco desproporcional nas exigências do momento e nos detalhes acessórios enquanto as questões centrais, mais incômodas e mais próximas de nossa consciência, ficam esquecidas. Esperamos ter conseguido isso nesse documentário, ampliando a discussão no sentido da sobrevivência existencial da humanidade de toda a sociedade.

A questão da legalização do aborto infelizmente ainda nos acompanhará por muito tempo. Novos avanços técnicos, novas manobras e entendimentos jurídicos, o lento apagar das luzes de uma sociedade que segue cedendo aos incentivos do conforto e da irresponsabilidade, tudo conspira para ameaçar a vida de milhões de brasileiros não-nascidos. Assim, é necessário que não nos esqueçamos do que é essencial — e o essencial é lutarmos, a cada dia, para proteger aquilo que temos de mais frágil: nossa humanidade.

Elton Mesquita, diretor de *“Duas Vidas: Do Que Estamos Falando Quando Falamos Sobre Aborto”*



Um Pequeno Inconveniente

———— *Ato 1* ————

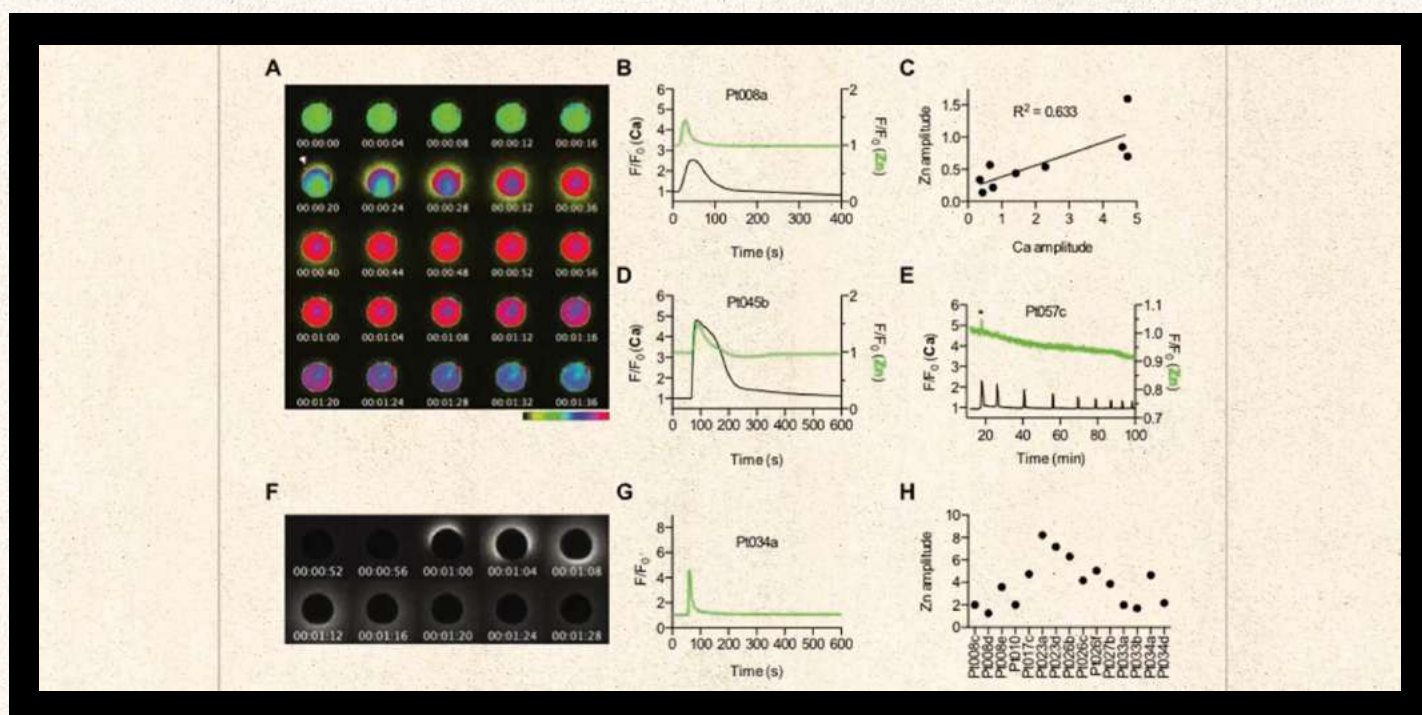


FAÇA-SE A LUZ

Em 26 de abril de 2016, um estudo foi publicado na revista científica *Scientific Reports*, reportando um fenômeno impressionante: um clarão de luz causado por uma descarga de zinco acontece no momento em que o espermatozóide fecunda o óvulo, sinalizando o início da vida.

Por meio de uma compreensão simbólica, essa descoberta nos remete a passagem do Gênesis 1:3, onde Deus proclama: "Haja luz", e a luz irrompe na criação. Esse alinhamento entre o conhecimento secular e a sabedoria transcendental demonstra que a vida tem - inquestionavelmente - um início demarcado.

Desse momento em diante, um complexo e elaborado processo de desenvolvimento começará e - se não for interrompido - resultará em descobertas, alegrias, angústias, vitórias, derrotas, conquistas - em suma - todo o espetáculo que chamamos VIDA HUMANA.



Estudo publicado pela NATURE em 26/04/2016 | nature.com/articles/srep24737

Se não for interrompido.



A LONGA NOITE

A verdade é que esse pontinho microscópico da espessura de um fio de cabelo é uma das coisas mais incômodas que existem. Desde a concepção ao desenvolvimento no útero e depois do nascimento ele será fonte constante de dores de cabeça e angústia. A mãe sofrerá com noites de insônia, dores diversas, enjôos e mudanças drásticas, físicas e emocionais. Parte dos nutrientes que ela ingerir serão tomados para alimentar a nova vida. E o parto ainda é para muitas mulheres uma experiência traumática e dolorosa. Embora não compartilhe as dores físicas da esposa, o pai também recebe sua parte de problemas e preocupações de outra natureza. Assim, se tudo der certo, serão décadas de trabalho, esforço e dor de cabeça. Faz sentido então se perguntar: Por que passar por todo esse sofrimento?

Apesar de todas as dificuldades, essa foi a escolha feita pela maioria absoluta da espécie humana ao longo da história. A longa noite que antecedeu o surgimento do fenômeno humano na Terra foi um período marcado por crueldade e brutalidade motivadas pela ânsia da sobrevivência animal.

Em muitas sociedades arcaicas encontramos vestígios da prática de parricídio, canibalismo e infanticídio. Atos tão abomináveis que se transformaram em tabus, proibições sagradas que, segundo antropólogos como Levi Strauss e o sociólogo Norbert Elias, permitem o surgimento do que chamamos civilização.

Levi
STRAUSS

Norbert
ELIAS



Um dos documentos fundadores da ética médica ocidental, o Juramento de Hipócrates, cujo espírito informa há mais de dois milênios o juramento feito por médicos recém-formados, menciona explicitamente a proibição de fazer abortos. Durante milênios, matar o filho que está sendo gerado foi considerado um desses tabus. Mas hoje o que já foi motivo de estigma se tornou fonte de orgulho e afirmação política.

Mais e mais mulheres e meninas, vendo-se desamparadas diante da possibilidade de uma mudança radical em suas vidas, para a qual não estavam preparadas, influenciadas por amigas ou pressionadas pelos parceiros, se perguntam por que deveriam passar por tamanho sofrimento. E acabam tomando uma decisão cujas consequências nem sequer imaginam.

INTERNATIONAL CODE OF MEDICAL ETHICS
 Adopted by the Third General Assembly of THE WORLD MEDICAL ASSOCIATION
 London, England, October 1949

Duties of Doctors in General A DOCTOR MUST always maintain the highest standards of professional conduct. A DOCTOR MUST practice his profession uninfluenced by motives of profit. THE FOLLOWING PRACTICES are deemed unethical: a) Any self advertisement except such as is expressly authorized by the national code of medical ethics. b) Collaborate in any form of medical service in which the doctor does not have professional independence. c) Receiving any money in connection with services rendered to a patient other than a proper professional fee, even with the knowledge of the patient. ANY ACT, OR ADVICE which could weaken	Duties of Doctors to the Sick A DOCTOR MUST ALWAYS bear in mind the obligation of preserving human life. A DOCTOR OWES to his patient complete loyalty and all the resources of his science. Whenever an examination or treatment is beyond his capacity he should summon another doctor who has the necessary ability. A DOCTOR SHALL preserve absolute secrecy on all he knows about his patient because of the confidence entrusted in him. A DOCTOR MUST give emergency care as a humanitarian duty unless he is assured that others are willing and able to give such care. Duties of Doctors to Each Other A DOCTOR OUGHT to behave to his col-
---	---

I WILL MAINTAIN the utmost respect for human life from the time of conception; even under threat, I will not use my medical knowledge contrary to the laws of humanity.

DECLARATION OF GENEVA
 Adopted by the General Assembly of The World Medical Association
 at Geneva, Switzerland, September, 1948

AT THE TIME OF BEING ADMITTED AS A MEMBER OF THE MEDICAL PROFESSION: I SOLEMNLY PLEDGE myself to consecrate my life to the service of humanity. I WILL GIVE to my teachers the respect and gratitude which is their due; I WILL PRACTICE my profession with conscience and dignity; THE HEALTH OF MY PATIENT will be my first consideration; I WILL RESPECT the secrets which are confided in me; Text as correlated with other official language texts - April 1956	I WILL MAINTAIN by all the means in my power, the honor and the noble traditions of the medical profession; MY COLLEAGUES will be my brothers; I WILL NOT PERMIT considerations of religion, nationality, race, party politics or social standing to intervene between my duty and my patient; I WILL MAINTAIN the utmost respect for human life from the time of conception; even under threat, I will not use my medical knowledge contrary to the laws of humanity. I MAKE THESE PROMISES solemnly, freely and upon my honor.
--	---

"Manterei absoluto respeito pela vida humana desde a concepção"

WMA International Code of Medical Ethics
 Adopted by the 3rd General Assembly of the World Medical Association, London, England, October 1949 and amended by the 22nd World Medical Assembly Sydney, Australia, August 1966 and the 35th World Medical Assembly Venice, Italy, October 1983 and the WMA General Assembly, Pietermaritzburg, South Africa, October 2006

DUTIES OF PHYSICIANS IN GENERAL A PHYSICIAN SHALL always exercise his/her independent professional judgment and maintain the highest standards of professional conduct. respect a competent patient's right to accept or refuse treatment not allow his/her judgment to be influenced by personal profit or unfair discrimination. be dedicated to providing competent medical service in full professional and moral independence, with compassion and respect for human dignity. not receive any financial benefits or other incentives solely for referring patients or prescribing specific products. recognize his/her important role in educating the public but should use due caution in divulging discoveries or new techniques or treatment through non-professional channels. certify only what is verified. strive to use health care resources wisely to benefit patients and the community. seek appropriate care and attention if he/she suffers from mental or physical illness. respect the local and national codes of ethics.	DUTIES OF PHYSICIANS TO PATIENTS A PHYSICIAN SHALL always bear in mind the obligation to respect human life. act in the patient's best interest when providing medical care. owe his/her patients complete loyalty and all the scientific resources available to him/her. Whenever an examination or treatment is beyond the physician's capacity, he/she should consult with or refer to another physician who has the necessary ability. respect a patient's right to confidentiality. It is ethical to disclose confidential information when the patient consents to it or when there is a real and imminent threat of harm to the patient or to others and that threat can be only removed by a breach of confidentiality. give emergency care as a humanitarian duty unless he/she is assured that others are willing and able to give such care. In situations when he/she is acting for a third party, ensure that the patient has full knowledge of that situation. not enter into a sexual relationship with his/her current patient or into any other abusive or exploitative relationship. CODES OF ETHICS AND PROFESSIONAL LEAGUES Physicians should be guided by the principles of their own codes of ethics and by the codes of their professional organizations. when medically necessary, communicate with colleagues who are involved in the care of the same patient. This communication should respect patient confidentiality and be confined to necessary information.
--	---

DECLARATION OF GENEVA
 Adopted by the 2nd General Assembly of the World Medical Association, Geneva, Switzerland, September 1948 and amended by the 22nd World Medical Assembly, Sydney, Australia, August 1966 and the 35th World Medical Assembly, Venice, Italy, October 1983 and the 46th WMA General Assembly, Stockholm, Sweden, September 1994 and editorially revised at the 170th Council Session, Divonne-les-Bains, France, May 2006 and the 173rd Council Session, Divonne-les-Bains, France, May 2006

AT THE TIME OF BEING ADMITTED AS A MEMBER OF THE MEDICAL PROFESSION:
 I SOLEMNLY PLEDGE to consecrate my life to the service of humanity;
 I WILL GIVE to my teachers the respect and gratitude that is their due;
 I WILL PRACTISE my profession with conscience and dignity;
 THE HEALTH OF MY PATIENT will be my first consideration;
 I WILL RESPECT the secrets that are confided in me, even after the patient has died;
 I WILL MAINTAIN by all the means in my power, the honour and the noble traditions of the medical profession;
 MY COLLEAGUES will be my sisters and brothers;
 I WILL NOT PERMIT considerations of age, disease or disability, creed, ethnic origin, gender, nationality, political affiliation, race, sexual orientation, social standing or any other factor to intervene between my duty and my patient;
I WILL MAINTAIN the utmost respect for human life;
 I WILL NOT USE my medical knowledge to violate human rights and civil liberties, even under threat;
 I MAKE THESE PROMISES solemnly, freely and upon my honour.

"Manterei absoluto respeito pela vida humana"



OS TERMOS DA DISCUSSÃO

Por séculos, todo o pensamento ético se baseou na noção de uma essência humana característica, dotada de dignidade inerente, e digna de cuidado e proteção. No topo da hierarquia dos valores estava o “ser humano”, e esse foi o motor do “humanitarismo” que mudou a sociedade ocidental a partir do século 18. Mas isso mudou. Acabamos de descobrir que existe uma categoria mais alta na escala de valores.

Apesar dos argumentos e dados disponíveis, sabemos que essa é uma questão que, pelo alto teor emocional, é inacessível à argumentação lógica. Pois, se “fatos não ligam pros seus sentimentos”, é mais verdade ainda que “sentimentos não ligam para os fatos”.

A fragmentação da cultura fez com que certas palavras adquirissem significados diferentes dependendo do grupo social que as usa. Deus, família, democracia, direitos

- até termos básicos cujo significado o discurso científico já havia definido com exatidão há séculos hoje em dia são alvo de acalorada discussão. Mas nenhuma discussão pode chegar a um consenso se os termos não forem definidos de antemão - se as pessoas não concordarem quanto ao que as palavras significam. Assim, a comunicação torna-se impossível, e ganha quem gritar mais alto.

No entanto, é possível olhar de frente para o fenômeno do aborto buscando compreender o que ele diz sobre nossas consciências, sobre onde estamos enquanto sociedade, sobre nossa participação no que chamamos de humanidade. Por muito tempo a natureza real do aborto tem sido encoberta para tornar o assunto palatável. É necessário agora puxar o pano que encobre o assunto e mostrá-lo em toda sua crueza.

4.1.1 VALOR INTRÍNSECO – PESSOA CONSTITUCIONAL

63. O valor intrínseco do humano anima o preceito fundamental da dignidade da pessoa humana.⁸⁵ O pertencimento à espécie confere um estatuto moral e jurídico diferenciado às criaturas humanas quando comparado às outras criaturas biológicas. **Reconhecer valor intrínseco no pertencimento à espécie humana não é o mesmo que designar todas as criaturas humanas como pessoas constitucionais e, conseqüentemente, a elas conferir direitos e proteções fundamentais.**

Pedido de medida cautelar de 06 de março de 2017



O Direito de Nascer

— *Ato 2* —



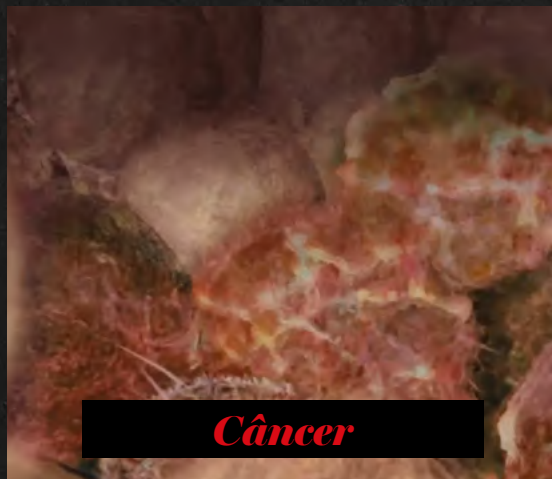
UM AGLOMERADO DE ERROS

Dizer que o embrião ou o feto são “um mero aglomerado de células” é como dizer que um filme é um “mero aglomerado de cenas”: é uma distorção linguística da realidade, usando uma linguagem imprecisa e desleixada.

A ciência nos diz que “meros aglomerados de células” existem:

As células cancerosas se multiplicam desordenadamente, sem um plano diretor. Um exemplo extremo de um aglomerado de células produzido por multiplicação desordenada é o teratoma, em que diferentes tipos de tecido se misturam em um caos de pesadelo.

Mas um embrião e um feto são o oposto de um câncer. A divisão celular que ocorre na organogênese é o que se chama processo controlado, que utiliza informação para conduzir a sofisticada série de comandos que produz a diferenciação e especialização dos diferentes tecidos e órgãos na ordem certa, no tempo certo.



Somos humanos quando somos capazes de nos maravilhar continuamente com o que é realmente maravilhoso - como a evolução de um bebê no ventre de sua mãe. Todas as conquistas da técnica humana começaram com o fascínio pelo que é verdadeiramente fascinante. É uma ironia triste que nossa familiarização com o fenômeno, que só aconteceu porque um cientista ou médico de gênio se maravilhou com algum fato do mundo natural, cause o tédio e o desprezo em pessoas que nunca pensaram ou sentiram algo profundamente.

Ao contrário do que o discurso público faz parecer, a questão sobre se o embrião e o feto são vida humana é na verdade bem simples, o tipo de coisa óbvia que apenas sofisticados malabarismos retóricos conseguem confundir.

É vida porque ocorre desde sempre em um substrato orgânico que consome energia para se manter em equilíbrio. Nenhum processo de multiplicação e organização ocorre em matéria morta, que apenas pode se decompor.

E é vida "humana" pelo simples motivo de que: gatos nascem de gatas; bezerros nascem de vacas; e humanos nascem de humanas. Assim como a vida, a humanidade do feto é um pressuposto biológico dado pelo simples fato de o feto vir a nascer de um membro da espécie humana.

Questões colocadas sobre quando o feto começa a sentir dor, ou quando ele ganha consciência, ou quando surge o coração, ou qualquer outra, estão fadadas, pela impossibilidade de demarcar mudanças de estado em processos contínuos, a seguir sem definição satisfatória.

Essas são questões de segunda ordem, que se afastam do cerne da questão e existem apenas para desviar o assunto do essencial e rebaixar a discussão para a esfera do meramente fenomenológico, tornando o debate público ainda mais fragmentado e confuso enquanto o circuito jurídico, político e midiático continua agindo e fazendo pressão para que o aborto seja liberado.

Só vida pode gerar vida



Se o feto é vida humana desde a concepção, qualquer que seja o estágio de desenvolvimento do feto, então o aborto é a interrupção de uma vida humana inocente que está causando - sem querer - um inconveniente para alguém. Qualquer policial ou juiz, ao ouvir essa descrição, a chamaria de "assassinato". E muito embora a questão comece no feto, ela termina em cada um de nós, no mais íntimo de nossa consciência. Pois aqui aparece mais uma diferença entre sociedades humanas e desumanizadas:

Sociedades humanas têm a capacidade de reconhecer e respeitar ideais e princípios morais, que são tão frágeis quanto o feto e que, assim como o feto, costumam ser ignorados quando se tornam inconvenientes.

Nós temos mais apreço por aquilo que custa mais, e assim, as maiores decisões morais são sempre as mais difíceis. Elas vão contra os interesses materiais evidentes mais imediatos, e frequentemente exigem um preço alto em sofrimento. Foi justamente a capacidade de desprezar as circunstâncias materiais e encarar o que há de difícil e doloroso na vida como semente de um bem futuro que marcou alguns dos maiores exemplos de humanidade através da história.

E assim, chegamos à amarga ironia de que, ao tentar desumanizar o feto, a única coisa que sociedades pró-aborto conseguem...

é desumanizar a si mesmas.



ANATOMIA DE UM CRIME

Um dos principais argumentos pró-aborto diz que tudo o que envolve a gravidez é uma escolha totalmente individual da gestante e não pode ser feita pelo Estado, argumento resumido no slogan:



**“Meu
corpo
minhas
regras”**

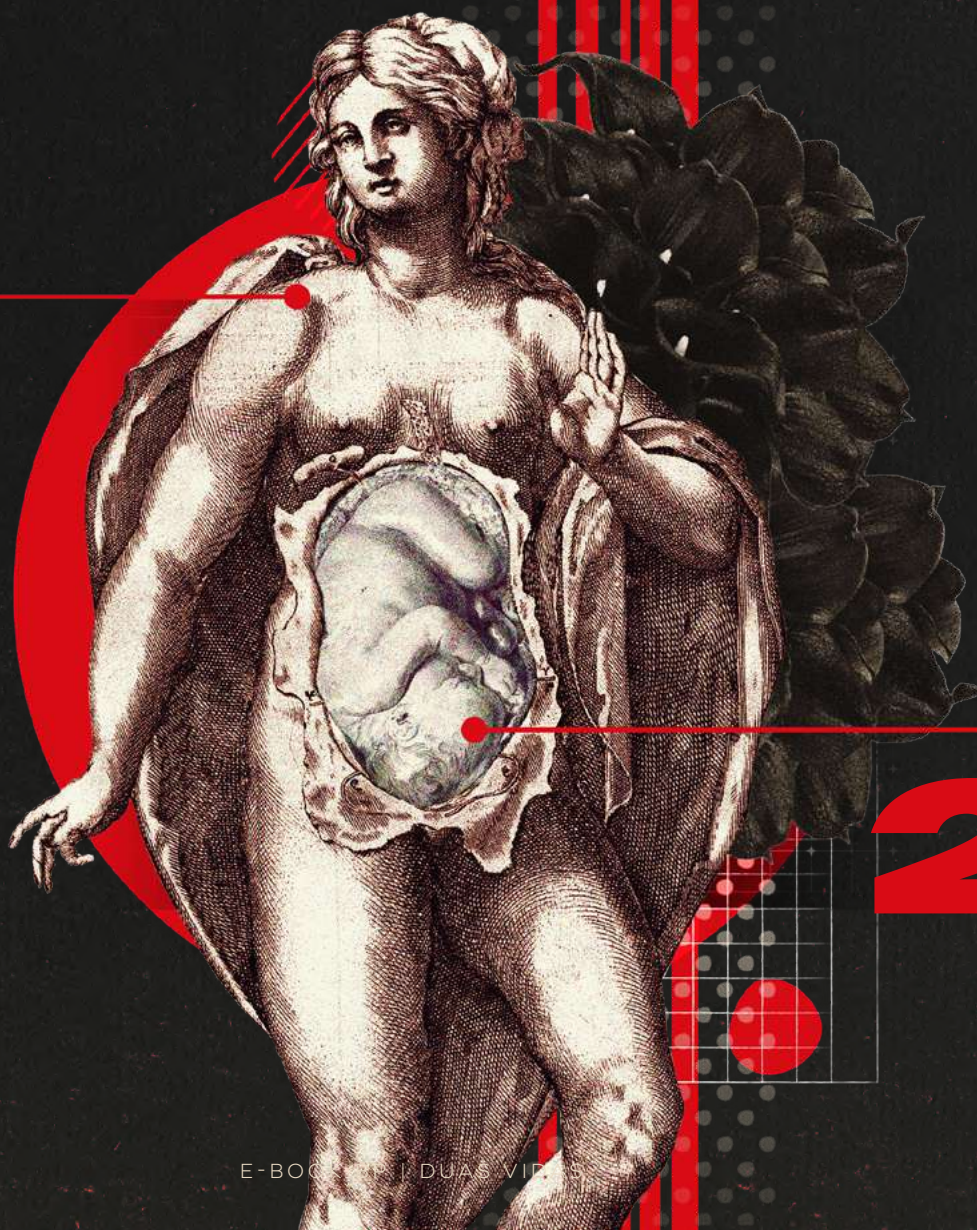
Mas como todo slogan político, essa frase não se refere à realidade. É apenas um tacape retórico utilizado para que não questionemos o fato de que, uma vez tendo ocorrido a gravidez, já não é possível falar de apenas um corpo. Existe um outro corpo envolvido na história - mais do que um mero corpo, uma outra vida.



Obviamente, o respeito à autonomia física, o direito de escolher o que fazer com o próprio corpo, é um princípio essencial e parte integrante dos preceitos que conferem a dignidade humana. Essa é uma realidade inegável. Mas existe mais uma realidade igualmente inegável: a realidade de uma vida humana que será eliminada por conveniência. Ao contrário do feto indefeso, a realidade material do assassinato não é algo tão facilmente descartável, e o mínimo que nós devemos a nós mesmos enquanto sociedade que se pretende humana é tratar os termos com a franqueza que o assunto merece.

Não se joga o valor da vida humana no lixo hospitalar sem graves consequências. Quando discutimos o aborto, o que está em jogo não é apenas a vida da mãe e do feto, mas também a vida da sociedade inteira, pois as sociedades sempre pagam um preço alto em destruição e morticínio quando se desumanizam. A seriedade do assunto nos obriga a olhar de frente para um fenômeno que por tempo demais vem sendo encoberto por termos inofensivos como "planejamento familiar", "interrupção da gravidez", "antecipação do parto", "direitos reprodutivos" ou "meu corpo, minhas regras".

1



2



AS REAIS OPÇÕES

O argumento "meu corpo, minhas regras, fica ainda mais fraco quando percebemos que o aborto não é a única opção - apesar de ser apresentado dessa forma. Existem alternativas, incluindo apoio de organizações que visam o cuidado tanto da mãe quanto do bebê, oferecendo suporte financeiro, assistência médica, abrigo temporário e apoio emocional, garantindo que nenhuma mãe seja abandonada durante a jornada mais importante de sua vida.

E há também a possibilidade de entregar o bebê para adoção. Esse é um ato de amor e generosidade, que não apenas dá uma nova chance a uma criança, mas também ao próprio ato de ser mãe, oferecendo a oportunidade de uma vida plena a alguém que, de outra forma, não teria essa chance. É um gesto de amor que transcende a biologia e coloca o bem-estar da criança no centro das atenções.

INSTITUIÇÕES DE APOIO À GESTANTE

CE

Fortaleza

Casa da Luz

DF

Brasília

Santos Inocentes

Vila do pequenino Jesus

GO

Anápolis

Pró vida

PE

Recife

Casa das Gestantes

MG

Belo Horizonte

Amgi

Brasil4Life

Casa Mãe

Casa Osasis da Imaculada

Citizen Go

Projeto Bityah

Salvamos Vida

PR

Curitiba

Casa Pró Vida Mãe

Imaculada

Maringá

Lar Preservação da Vida

RS

São Leopoldo

Associação Mãe da Misericórdia

RJ

Itaboraí

Comunidade Católica Percursos do Senhor

Nilópolis

Casa Frei Galvão

Nova Iguaçu

Associação Santo Frei Antônio Galvão

Petrópolis

Comunidade Jesus Menino

Pirai

Associação Casa Mãe da Misericórdia

Rio de Janeiro

Rede Colaborativa Brasil

São José do Vale do Rio Preto

Comunidade Católica Mãe do Verbo Divino

SP

Campinas

Comunidade Fiat

Jacareí

Casa MÃE

São José dos Campos

Associação Nossa Senhora de Guadalupe

São Paulo

Associação Amparo Maternal

Hospital Amparo Maternal

Centro Reestruturação para A Vida (CERVI)



O CANTO DA CURETA

A existência de clínicas de aborto clandestinas é a base de um dos principais argumentos pró-aborto, que diz que abortos acontecerão de qualquer maneira, e a ilegalidade apenas coloca em risco a vida de mulheres que precisam recorrer à clandestinidade para abortar. Se partirmos do princípio de que o aborto é um mal, o argumento não se sustenta, pelo mesmo motivo que nos impede de legalizar o latrocínio. Se sempre haverá assaltos, por que não há um movi-

mento oficial, com lobby e financiamento, pela legalização da prática? A resposta é simples: Qualquer um de nós pode morrer vítima de um assalto. Mas nenhum de nós pode morrer vítima de aborto.

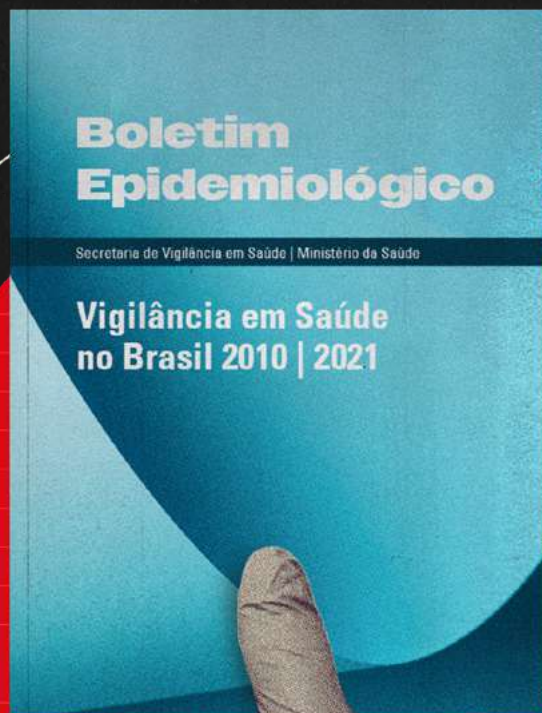
Números do Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde apresentam queda nos índices de morte materna no país: no ano de 2010, 79 mulheres grávidas morreram em tentativas de aborto, caindo para 51 mortes em 2021.

QUEDA NOS ÍNDICES DE MORTE MATERNA

2010		2021
79		51

MULHERES GRÁVIDAS
QUE MORRERAM EM
TENTATIVAS DE ABORTO

*Boletim Epidemiológico da Secretaria de
Vigilância em Saúde Vol. 53 | dez 2022*



Números que mostram eventos trágicos, mas que nem de longe justificam dizer que esse é um problema de saúde pública. Mais um slogan político que, sendo um mero instrumento de luta, não reflete a realidade.

A manipulação de números da luta ideológica fica evidente no caso de outros países. Os grupos que defendiam a legalização do aborto no Uruguai citavam que eram feitos mais de 30 mil abortos por ano no país de forma perigosa e ilegal. Após a legalização, o que se viu de fato foi que no primeiro ano houve pouco mais de 6 mil abortos. Na Argentina havia uma estimativa de que eram mais de 370 mil abortos clandestinos realizados por ano, mas após 1 ano de legalização, foram realizados 32 mil procedimentos.

O lobby pró-aborto não ignora apenas a realidade expressa por esses números. Ignora também a vontade da maioria da população brasileira, que diversas vezes tem se manifestado contra o aborto.



DUAS VÍTIMAS

No que diz respeito à proteção e dignidade da mulher, existe ainda outra questão:

Pode ser fácil arrancar um ser humano vivo do ventre de uma grávida... mas é praticamente impossível arrancá-lo dos pensamentos.

O discurso oficial nega categoricamente a possibilidade de que possa haver sequelas psicológicas em um procedimento que pode causar hemorragias letais, perfuração do útero, infecção, inflamação, esterilidade e que destrói uma vida que estava estabelecendo um vínculo simbiótico, físico e psicológico com a mãe.

A síndrome pós-aborto não consta do CID, e existem vários estudos negando sua existência. No entanto, em ambientes de intensa luta política a informação é uma

arma. Por exemplo, o método usado nas principais pesquisas sobre incidência de abortos clandestinos aborto é o AICM - Abortion Incidence Complication Method. Os estudos usados como base para a discussão de políticas públicas pela OMS e pela ONU são calcados nesse método, cujas diretrizes informam a atitude do STF para sustentar suas decisões. O AICM foi criado pelo Instituto Guttmacher, que surgiu como um departamento da Planned Parenthood, uma das maiores proponentes do aborto no mundo.



O ANTÍDOTO

A cultura da morte só pode gerar mais morte. E apenas a vida pode gerar vida. Se mães que fizeram abortos, mesmo legais, carregam feridas físicas e fraturas emocionais pelo resto da vida, o que se vê no caso de meninas e mulheres que decidiram ter seus filhos é justamente o oposto: um milagroso processo de amadurecimento e humanização, causado pelo contato imediato com

a realidade da vida, as dores e emoções da gravidez, e o exercício do amor que se volta para o filho que depende da mãe. Se a cultura do aborto traz consigo a ameaça da desumanização, o antídoto aparece claro e simples em um fato que acompanha a humanidade desde seu surgimento: o simples e antiquado instinto materno.



“PORQUE SOMOS MUITOS”

A descoberta dos campos de concentração nazistas e dos gulags soviéticos causou uma onda de reflexões políticas e filosóficas a respeito do fenômeno da desumanização. As obras de escritores como Hannah Arendt, David Livingstone Smith e Aleksandr Solzhenitsyn buscam rastrear a origem da capacidade de negar a humanidade dos outros como prelúdio da opressão e do extermínio.

Na obra desses e outros autores que se debruçaram sobre o tema, um fator sempre é mencionado de forma consistente: a ideologia. Segundo Livingstone Smith:

“A desumanização é uma resposta psicológica a forças políticas. Mais especificamente, crenças desumanizantes são crenças ideológicas.”

Solzhenitsyn, que passou oito anos em campos de trabalho forçados sob o regime comunista, identificou na ideologia o agente desumanizador que possibilita que alguém desumanize seus semelhantes:

“Rejeitar a ideologia inumana é simplesmente ser um ser humano.”

A ideologia, sendo apenas um recorte da realidade objetivando o poder político, afasta o indivíduo das complexidades e dilemas da existência, abrindo um abismo entre as intenções declaradas e os efeitos reais. Apenas o confronto direto com os fatos brutos da realidade pode arrancá-lo da caricatura epistemológica que a ideologia constrói em sua mente.

David Livingstone
Smith

Aleksandr
Solzhenitsyn

Hannah
Arendt



VELA ACESA EM VENTANIA

G1

12 nov
2012

Garota que leiloou virgindade diz que primeira vez será na próxima semana

Ingrid Migliorini vendeu a virgindade por mais de R\$ 1,5 MILHÃO.

EL PAÍS

06 dez
2020

Only Fans' aproxima milhares de jovens da prostituição na América Latina

Site de venda de fotos e vídeos eróticos se torna alternativa econômica para muitas mulheres durante a pandemia.

G1

01 mar
2018

Brasil tem gravidez na adolescência acima da média latino-americana, diz OMS

A cada mil adolescentes brasileiras entre 15 e 19 anos, 68,4 ficaram grávidas e tiveram seus bebês, diz relatório da Organização Mundial da Saúde.

A fuga da realidade e da responsabilidade aparecem com toda força na discussão sobre o aborto. Afinal, esse pontinho microscópico da espessura de um fio de cabelo não aparece no ventre da mulher por acaso, e é aí que começa o problema. Nós vivemos em uma sociedade de orientação hedonista, em que relacionamentos românticos e a experiência sexual são idealizados e vendidos como meta de realização pessoal.

Mas uma conversa minimamente responsável sobre aborto deve falar francamente sobre o modo como a sociedade trata a liberdade sexual. A atitude “livre, leve e solta” em que a maioria das jovens cresce é irresponsável e danosa. Os altos números de gravidez precoce, de mães solteiras ou de casos de sífilis são a prova de que, seja lá o que estamos fazendo, é hora de repensar o rumo que estamos tomando, porque não está funcionando.



É nesse cenário em que o aborto é vendido uma opção para solucionar um “problema”, mas o caminho da desumanização não precisa ser sem volta. Muitas mães que abortaram, ativistas pró-aborto, amigos e parceiros que aconselharam ou forçaram o procedimento e médicos que realizavam abortos legais e ilegais deram um passo terrível, que sempre cobra um preço alto da consciência. Mas muitas dessas pessoas, confrontadas com a realidade brutal do ato, feridas pela voz irreprimível da consciência,

mudaram o curso de suas vidas e passaram a dedicar o resto de seus dias a impedir que mais pessoas passassem por esse inferno.

A humanidade é uma luz pequena e frágil acesa na escuridão, que se não for alimentada e protegida, pode ser apagada pela ideologia e pela indiferença. O reconhecimento da humanidade do feto é o reconhecimento da sua própria humanidade e o exemplo dessas pessoas mostra que nunca é tarde para reacender nossa luz.

Zezé
LUZ

Bernard
NATHANSON

Anthony
LEVATINO



O LIVRO DE JUÍZES

4.1.1 VALOR INTRÍNSECO – PESSOA CONSTITUCIONAL

63. O valor intrínseco do humano anima o preceito fundamental da dignidade da pessoa humana.⁸⁵ O pertencimento à espécie confere um estatuto moral e jurídico diferenciado às criaturas humanas quando comparado às outras criaturas biológicas. **Reconhecer valor intrínseco no pertencimento à espécie humana não é o mesmo que designar todas as criaturas humanas como pessoas constitucionais e, conseqüentemente, a elas conferir direitos e proteções fundamentais.**

64. O entendimento do complexo sintagma constitucional “dignidade da pessoa humana” exige maior complexificação analítica do que simplesmente o pertencimento à espécie para os efeitos protetivos e garantidores do princípio constitucional. É certo que somente os humanos recebem o estatuto de *pessoa* para a Constituição Federal. Ao demonstrar

Pedido de medida cautelar de 06 de março de 2017

Esse trecho da ADPF 442 revela um fato perturbador: a consolidação, no Brasil, da mentalidade político-burocrática e legalista, para a qual tudo se justifica se estiver escrito em portarias, regulamentos e constituições. Mas o poder de arbitragem de um documento se baseia no consenso da sociedade sobre seus valores e interesses. Sem isso, o documento é apenas um papel, e o papel aceita qualquer coisa. O ser humano, não.

Quando os ativistas pró-aborto perceberam que não conseguiriam avançar pelo Poder Legislativo, eles tentaram uma nova tática: através de uma pequena elite,

judicializar as pautas que o povo brasileiro não aceitava.

Tudo começou em 2004 com o ADPF 54, sobre o aborto de bebês anencéfalos. O Instituto ANIS buscou a ajuda do então Procurador Regional da República Daniel Sarmento. Sarmento propôs uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, um tipo de ação judicial raramente utilizada no campo jurídico brasileiro. Ele também sugeriu que Luís Roberto Barroso assumisse a causa como advogado. Foi a primeira vez que Ministros do STF se pronunciaram sobre o direito ao aborto.



Em 12 de abril de 2012, a suprema corte julgou procedente a ADPF 54 por 8 a 2 votos.

Era o começo da relativização da vida.

Uma sociedade burocrática e desumanizada se apegará cada vez mais à letra da lei do que ao seu espírito, enfatizando a legalidade enquanto se esquece da moralidade. Quando Hannah Arendt se referia à banalidade do mal, ela falava exatamente da mentalidade que se exime da responsabilidade sobre as ações mais desumanas com a desculpa de estar apenas seguindo ordens, verbalizadas ou escritas em um pedaço de papel, justificadas por um carimbo estampado numa repartição pública.

A petição inicial da ADPF 442 é repleta de implicações sinistras,

como a de que não haveria risco do estatuto de “pessoa constitucional” ser negado a outros grupos, uma vez que “não há controvérsia jurídica sobre o reconhecimento” desse estatuto para esses grupos. No entanto, em uma época em que existem controvérsias jurídicas sobre assuntos que já haviam sido resolvidos há séculos é impossível garantir que não haverá novas controvérsias ao sabor dos interesses do momento.

O papel aceita tudo. O ser humano, não. A tentativa da ADPF 442 de forçar um tapetão jurídico nos lembra que:

“Se as pessoas não protegerem as leis, as leis não protegerão as pessoas.”



Quando Éramos Humanos

———— *Ato 3* ————



O RETORNO À LONGA NOITE

No século 20, a ciência reduziu o ser humano a um mera massa biológica; a psicanálise o reduziu a um emaranhado confuso de apetites e neuroses; e a filosofia pós-moderna o estilhaçou em inúmeras interpretações conflitantes cujo único ponto de contato era a negação de um sentido mais alto para a existência. Cada uma dessas áreas contribuiu a seu modo para o rebaixamento do ser humano, mas todas foram apenas instrumentos subordinados à política, ou seja, à influência do poder e do dinheiro.

Hoje em dia, vivemos sob o jugo de um Estado tão poderoso que a maioria das pessoas já não concebe que existam instâncias da vida humana fora da política. Uma vez que o valor humano é rebaixado ao nível do mero jogo político, a dignidade intrínseca do ser humano torna-se mera questão de conveniência política. E aí, como repetidos exemplos demonstram, a desumanização da sociedade torna-se apenas questão de tempo.

**A desumanização deu a
tônica do século XX, pois
foi o meio pelo qual regimes
totalitários legitimaram
genocídios e holocaustos.**

A comparação do aborto com os grandes morticínios do século pode parecer um exagero, mas certamente não pareceria para as milhões de vidas abortadas nos EUA desde 1973.



O INQUEBRÁVEL

Testemunha do Holocausto, o psicoterapeuta Viktor Frankl escreveu sobre natureza humana e desumanização. Infelizmente, o processo de desumanização da sociedade que ele descreveu já se encontra bastante adiantado, e para muitas pessoas torna-se cada vez mais difícil compreender a importância do que ele disse.

Para muitos de nós, essa sutil dimensão humana, de que Viktor Frankl falou, já se tornou algo inacessível. É como tentar des-

crever uma cor para um deficiente visual, ou um som para um deficiente auditivo. Assim como o feto, o apelo a ideais e princípios é uma noção inconveniente, frágil e indefesa. E no entanto é ela que nos dá a chave da humanidade que temos procurado.

Talvez alguém se pergunte por que ouvir a opinião de um psicoterapeuta austríaco, um homem branco privilegiado nascido numa época em que nem havia iPhone. A resposta mais simples é:

“Porque Viktor Frankl era inquebrável.”



Quando seu país foi ocupado por nazistas, ele ajudou inúmeros pacientes com deficiência mental a escapar do programa de eutanásia promovido pelo terceiro Reich - mais um exemplo da desumanização da sociedade levando ao extermínio dos indesejáveis.

Ao ser mandado para um campo de concentração nove meses depois de se casar, ao ver seu pai morrer de fome e pneumonia, sua mãe e seu irmão morrerem nas câmaras de gás e seu cônjuge morrer de tifo, ao passar três anos sofrendo e testemunhando todo tipo de degradação e violência, ele ainda assim encontrou forças para não se entregar à depressão e ao desespero, e ainda ajudar os outros prisioneiros a não sucumbirem à tentação do suicídio.

Ao finalmente recobrar a liberdade, ele escreveu um livro em que suas experiências de sofrimento se tornaram a semente de uma nova escola de psicoterapia, um bestseller mundial que até hoje influencia as reflexões mais profundas sobre o sentido da vida.

Viktor Frankl é um exemplo da humanidade que hoje em dia vem se tornando mais rara. Uma sociedade em que o uso de um pronome indesejado causa reações parecidas com stress pós-traumático de guerra é certamente menos forte e saudável que

uma sociedade que produziu gigantes como esse pacato psicoterapeuta austríaco, e está menos preparada para as dificuldades e sofrimentos inerentes à existência.

Para Frankl, o ser humano é definido pela capacidade de transcender as circunstâncias, afirmando-se diante de todas as dificuldades e sofrimentos. Em sua estadia no campo de concentração, Frankl notou que os prisioneiros que acreditavam em algo além da mera realidade material imediata

tinham mais resistência contra

a depressão e o desespero. Não apenas isso, eles pareciam extrair uma estranha força e vitalidade que lhes permitia ajudar os mais fracos, tornando-se verdadeiros focos de esperança em meio ao inferno.

Frankl percebeu que aquelas pessoas mais fortes traziam em si a crença inabalável em ideais, valores e princípios imateriais.

A conclusão a que ele chegou é que é justamente nas situações mais difíceis que o espírito humano se revela, pois é ali que o ser humano pode usar sua liberdade e seu senso de responsabilidade para escolher como reagir às circunstâncias - não a escolha fácil, a escolha pelo prazer ou pela fuga da responsabilidade, mas a escolha difícil, a escolha do inconveniente, a escolha do sacrifício.



Confrontados com opções, os animais instintivamente escolhem a opção que lhes trará conforto, comida, ou proteção. Apenas o ser humano pode escolher a opção dolorosa. Alguém endividado devolve uma carteira cheia de dinheiro ao legítimo dono: onde um humano vê um herói, uma sociedade desumanizada vê apenas um otário. Um bebê é amamentado pela mãe às três da madrugada. Onde um humano vê amor pelo filho, uma sociedade desumanizada vê apenas opressão do patriarcado e parasitismo. Um feto se desenvolve no útero. Onde um ser humano reconhece um outro humano, uma sociedade desumanizada vê apenas um aglomerado de células. E assim,

de rebaixamento em rebaixamento, a sociedade sofre um lento apagar das luzes.

Se as dificuldades da existência podem fazer aflorar o melhor do espírito humano, as facilidades da técnica e da ciência, materializadas em todo tipo de luxos e confortos impensáveis até para os reis de antigamente podem destruir os valores imateriais e nos tornar menos que humanos, criaturas bestializadas, voltadas apenas para o conforto, o hedonismo e a fuga da responsabilidade. A tentativa de fugir do sofrimento a todo custo vem enfraquecendo o espírito humano até ameaçá-lo de extinção, como vimos na simples comparação entre o extremamente frágil e o inquebrável.



A PROTAGONISTA

O discurso pró-aborto se fundamenta na idéia de que a mulher deve assumir o protagonismo da própria vida. Ela deve ser capaz de escolher e decidir. No entanto, com as sensibilidades deformadas por ideologia e conforto, a sociedade esqueceu o que faz de alguém um verdadeiro protagonista.

O protagonista de uma história sempre encontra uma série de dificuldades e obstáculos a serem superados. Essa é a base de todo o drama, e um filme em que o protagonista não encontrasse obstáculos e dificuldades a superar não teria apelo nenhum. Protagonismo pressupõe sofrimento, como bem sabem aqueles que abriram mão de algum prazer pelo dever, pelo papel que tinham a cumprir. Mas as dificuldades e tristezas não precisam ser o fim da história. Se houver amparo, acolhimento, afeto e amor, elas podem levar para dimensões mais altas e mais nobres da experiência humana.

No fim, a mais perfeita definição de “humanidade” estava o tempo inteiro diante de nós. Na capacidade de criar um

novo mundo, de nutrir, de proteger, na capacidade de auto-sacrifício, no amor e doação extremas de si mesmas de que as mães são capazes, elas nos mostram o exemplo mais perfeito do que temos chamado de “humanidade”.

Mas essa é uma conversa que só faz sentido para humanos. E como vimos, a humanidade está ameaçada de extinção, sufocada pelo conforto, pelas respostas fáceis da ideologia e pela fuga da realidade e da responsabilidade. Mais do que nunca, é necessário olhar para as mulheres, para as meninas grávidas do Brasil, com compreensão e afeto; é necessário ampará-las nesse que é um dos momentos mais difíceis de suas vidas, para que elas não passem por isso sozinhas, para que saibam que existe outra opção.

A cultura da morte só pode gerar mais morte. Mas a cultura da vida gera amor, ensina responsabilidade, confere maturidade e resgata a humanidade.

**“Pois ser humano dá trabalho.
Ser humano é inconveniente.
Ser humano dói.
Mas ser humano vale a pena.”**





*“Se você abrir
seu coração”*

———— *Epílogo* ————

A votação pela legalização do aborto pode ter sido adiada, mas estamos longe de ter colocado um ponto final nessa questão. A normalização da discussão sobre o aborto já é preocupante, pois cada vez mais as pessoas acreditarão que o assassinato de uma vida humana inocente por conveniência é algo passível de discussão.

A vigilância e a articulação da sociedade civil organizada serão cada vez mais necessárias para impedir o avanço de ideologias anti-humanas. A batalha pela vida é travada num campo assimétrico, onde um lado domina os meios para fazer valer sua vontade, enquanto ao outro só resta a convicção do sacrifício.

Sacrifícios como o de Chiara Corbella Petrillo.

Chiara foi uma jovem italiana que abraçou a missão de ser mãe. Nas três vezes em que

engravidou ela teve que se doar de maneiras que jamais imaginou. Durante sua primeira gestação, os exames apontaram que sua filha nasceria com anencefalia. Os médicos recomendaram o aborto, mas Chiara e seu marido decidiram levar a gravidez até o fim. Maria Grazia Letizia viveu apenas meia hora após o parto.

Em sua segunda gravidez, foi descoberto que seu filho Davide Giovanni sofria de má formação e nasceria sem as pernas. A criança também viveu poucas horas.

Mesmo com a tristeza de ter perdido dois filhos, o casal não se deixou abater. Chiara acreditava no profundo valor da vida que ela carregou, por duas vezes, em seu ventre. Foi com grande alegria que ela descobriu sua terceira gravidez. Durante os exames nenhuma complicação foi detectada e tudo indicava que Francesco Petrillo nasceria bem.

CHIARA



Corbella



A notícia ruim veio quando Chiara foi diagnosticada com câncer... Todos os médicos afirmavam que ela teria que se submeter a um longo tratamento para curar a doença, porém esse tratamento colocaria em risco a vida de Francesco. A maioria das pessoas aconselhou Chiara a fazer o tratamento, mas ela só via uma única opção: priorizar a vida de seu filho.

Em 30 de maio de 2011, Francesco nasceu. Chiara deu início ao tratamento contra o câncer, mas a doença havia evo-

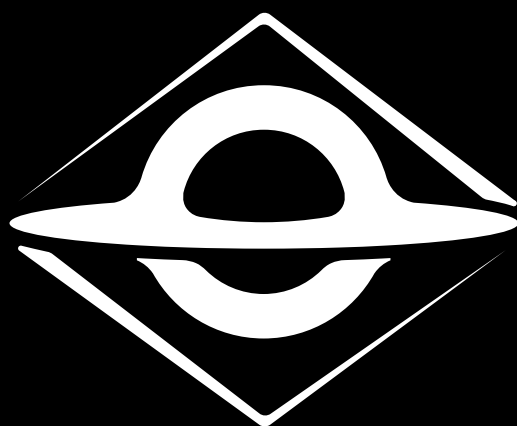
luído de maneira irreversível, se espalhando pelos pulmões, fígado e para o olho direito. Ela se recolheu para cuidar de seu filho na casa da família, próximo ao mar.

Em 13 de junho de 2012, aos 28 anos, Chiara Corbella Petrillo morreu. Seu exemplo de fé inabalável comove - até hoje - todos que conhecem sua história... e sua carta, deixada para o pequeno Francesco, revela o quão transcendente o amor de uma mãe pode ser:

“Vou ao céu para cuidar de Maria e Davide; você fica aqui com o papai. De lá, eu rezarei por vocês. Meu filho, você é especial e tem uma grande missão. O Senhor o escolheu, e eu lhe mostrarei o caminho a seguir, se você abrir seu coração. Confie em mim, vale a pena.

Mamãe.”





BRASIL
PARALELO